

Violência: intervenções direcionadas à prevenção ou redução da ocorrência no contexto universitário

Violence: interventions directed to the prevention or reduction of the occurrence in the university context

Vania Cristine de Oliveira¹
Jorge Luiz da Silva²

124

Resumo: A violência é um fenômeno social influenciado por contextos históricos e culturais, em âmbitos de segurança e de saúde pública, que traz implicações também nas Instituições de Ensino Superior (IES). Metodologia: Revisão sistemática de literatura. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados: CINAHL, LILACS, *PsycINFO*, PubMed, SciELO e *Web of Science*, utilizando o cruzamento de palavras-chaves: “Violence” AND “College” AND “Intervention”; “Violence” AND “University” AND “Intervention”; “Violence” AND “Campus” AND “Intervention”. Foram selecionados artigos publicados nos últimos 5 anos, ensaios clínicos randomizados e publicados em português, espanhol e inglês. Resultados: Dentre os 27 artigos identificados, 09 atenderam aos critérios e foram analisados. O país com maior quantidade de estudos foram os Estados Unidos. A prevenção ou a redução da ocorrência de violência na universidade ocorreram mediante diferentes intervenções. A maioria das intervenções (90%) foram bem-sucedidas. Conclusão: Os estudos demonstraram que a ocorrência de violência na universidade pode ser prevenida e reduzida por diferentes tipos de intervenção. Considera-se importante a realização de estudos nacionais para compreender a

¹ Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Especialista em Promoção de Saúde e Psicologia Hospitalar pela Faculdade Patos de Minas (FPM). Bacharel em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). Graduada em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (CESUMAR). Docente e Preceptora de estágios em Saúde pela Faculdade Patos de Minas (FPM). Coordenadora Adjunta e Docente do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP). E-mail: vania_cristine@hotmail.com

² Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde da Universidade de Franca (UNIFRAN), com atuação na linha de pesquisa 1: Políticas e Práticas em Promoção da Saúde. Docente dos cursos de graduação em Psicologia e Enfermagem da UNIFRAN. Doutor em Enfermagem em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (2017), com período sanduíche na Universidade do Minho (Portugal). Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2013), e graduado em Psicologia pela Universidade de Uberaba (2010). Membro do colegiado do PPG Promoção de Saúde. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPQ: Promoção da Saúde na Escola (GEPSE) e do Núcleo de Estudos, Ensino e Pesquisa do Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE) da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia da Saúde e Psicologia Escolar/Educacional, atuando principalmente na interface com os seguintes temas: promoção da saúde na escola, violências, *bullying* e intervenção psicossocial com crianças e adolescentes. E-mail: jorge.silva@unifran.edu.br

Recebido em 01/04/2023

Aprovado em 01/05 /2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



eficácia das intervenções na realidade brasileira, visto que podem alterar os resultados obtidos em outras realidades socioculturais.

Palavras-chave: Campus. Faculdade. Intervenção. Universidade. Violência.

Abstract: Violence is a social phenomenon influenced by historical and cultural contexts, in the spheres of security and public health, which also has implications for Higher Education Institutions (HEIs). Methodology: Systematic literature review. The bibliographic survey was carried out in the following databases: CINAHL, LILACS, PsycINFO, PubMed, SciELO and Web of Science, using the crossing of keywords: “Violence” AND “College” AND “Intervention”; “Violence” AND “University” AND “Intervention”; “Violence” AND “Campus” AND “Intervention”. Articles published in the last 5 years, randomized clinical trials and published in Portuguese, Spanish and English were selected. Results: Among the 27 articles identified, 09 met the criteria and were analyzed. The country with the highest number of studies was the United States. The prevention or reduction of the occurrence of violence at the university occurred through different interventions. Most interventions (90%) were successful. Conclusion: Studies have shown that the occurrence of violence at universities can be prevented and reduced by different types of intervention. It is important to carry out national studies to understand the effectiveness of interventions in the Brazilian reality, as they can change the results obtained in other sociocultural realities.

Keywords: Campus. College. Intervention. University. Violence.

1 INTRODUÇÃO

A violência pode ser considerada a partir da conduta agressiva e hostil. Ela constitui-se como fenômeno social influenciado por contextos históricos e culturais, em âmbitos de segurança e de saúde pública. A violência perpassa o tempo e a história da humanidade, estando presente em todas as classes, segmentos sociais e em diferentes contextos. Sua classificação é realizada em diferentes tipos como, por exemplo, violência interpessoal, autoinfligida e coletiva. Esses tipos podem se manifestar em forma física, sexual, psicológica, negligência ou privação de cuidados, sendo que, independentemente de sua tipologia, a violência afeta negativamente as pessoas e as sociedades (MINAYO, 2006).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como o uso da força física de forma intencional, quer seja por vias de fato ou por ameaça, contra si mesmo, contra alguém ou contra um grupo de pessoas, que resulte em danos de ordem psicológica ou física (OMS, 2002). Com objetivo de ameaçar ou amedrontar, aterrorizar, humilhar ou coagir um indivíduo ou grupo em sua liberdade pessoal e social, a violência traça um cenário de conflitivas impactantes que resultam em doenças, desigualdades sociais, raciais e de gênero, quando não em fatalidades. A violência – em todas as suas formas – é registrada como o quarto fator determinante de óbitos em todo mundo. No ano de 2014, resultou em 1,3 milhões de mortes, o equivalente a 2,5% da taxa de morticínio global, conforme informes da OMS (OMS, 2014).

No Brasil, o Ministério da Saúde compreende a violência como comportamentos que afetam a integridade física, mental, moral ou espiritual, estando a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências responsável por orientar a atuação do setor saúde nesse contexto (BRASIL, 2001). Essa política é fundamental porque a violência no país demanda atenção devido à sua alta prevalência, identificada também nos registros em

atendimentos nos serviços de saúde. Por exemplo, a nível nacional, no ano de 2011, foram registrados por meio do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIS/SUS) aproximadamente 50 mil casos de internações hospitalares, tendo causas específicas agressões, o que corresponde a 4,5% das hospitalizações por causas externas (BRASIL, 2012).

As internações de homens são maiores em comparação às mulheres, totalizando 40.269 hospitalizações do sexo masculino no ano de 2011, dentre as quais aproximadamente 26 mil compreendem pessoas adultas com idade entre 20 e 39 anos. Um dado expressivo desse mapeamento se dá no âmbito de regiões geográficas, sendo que a região Sudeste apresenta o maior coeficiente de casos de violência do Brasil (BRASIL, 2012).

Em relação à violência física, o sexo masculino é mais suscetível ao envolvimento nela, provavelmente porque possui maior força. Em se tratando de violência psicológica, sexual ou por negligências, estudos apontam para o registro mensal de cerca de 350 casos nas grandes capitais do Brasil no ano de 2014, sendo que destes, 79% correspondem a agressões contra mulheres adultas, indiciando a violência de gênero a partir da vulnerabilidade em diversos contextos, conforme análise do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA), da Secretaria de Vigilância em Saúde (BRASIL, 2015; BRASIL, 2013; SOUTO *et al.*, 2017).

Segundo a OMS, a violência psicológica constitui-se com a presença de elementos como ofensa verbal repetida, acuação, privação do direito de ir e vir e também de recursos financeiros, materiais e pessoais (OMS, 1998). Relacionando-se ao perfil feminino, as frequentes investidas ofensivas e o convívio com os sentimentos de medo e de impotência uma vez gerados, instauram-se impactos negativos e graves danos psicológicos, semelhantes às agressões físicas, uma vez que provocam desestabilização da segurança, da confiança e da autoestima da mulher (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007).

As informações apresentadas indicam a violência como desfavorável à qualidade de vida, representando uma problemática de nível social presente em todos os estados brasileiros. Fenômeno que atinge a população mais do que as doenças epidemiológicas e o câncer, por exemplo, constituindo problema social e de saúde pública (MINAYO, 2006).

A violência traz implicações também nas Instituições de Ensino Superior (IES) ou universidades. Ela se faz presente nas universidades em suas várias tipologias, como um reflexo das transformações sofridas pela coletividade. Sendo um campo de conhecimentos e produções múltiplas, o campus universitário constitui-se como contexto social ao passo em que contribui, caminha, participa e se encontra junto à sociedade. A vida universitária, como contexto social, abre espaço para a pesquisa, sendo um amplo objeto de estudo e investigação quanto às suas configurações, padrões e variações sociais (ALMEIDA FILHO, 2012).

Grandes universidades do estado de São Paulo apresentam histórico de agressões, violências, abusos sexuais e uma rotina de práticas de trote e cultura violenta por parte dos estudantes, com consequências muitas vezes graves. No ano de 1998, em um trote violento, realizado em uma universidade do interior de São Paulo, alguns estudantes atearam fogo em um calouro, deixando-o com queimaduras graves. Em 1999, ocorreu o óbito de um ingressante, que foi encontrado sem vida na piscina de uma atlética do curso de medicina após a prática do trote, causando alarde em todo o estado de São Paulo (VEJA, 2018).

Mais tarde, no ano de 2009, outro calouro foi exposto a situações vexatórias e forçado ao consumo de bebidas até entrar em coma alcoólico, o mesmo desistiu de iniciar os estudos após o ato de violência. Em 2010, alunos foram coagidos a se despirem e a pedirem dinheiro em vias públicas e semáforos, configurando exposição e agressão psicológica. No mesmo ano, um estudante sofreu violência física, tendo ossos do rosto fraturados (VEJA, 2018).

Os noticiários ainda apontam para casos semelhantes em diversos cursos universitários que implicaram em apuração por parte da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Universidades na Assembleia Legislativa de São Paulo, a qual investigou as

denúncias de violação dos direitos humanos nas IES do estado, emitindo um relatório com cerca de 9 mil registros de violências no ano de 2015, encaminhado às autoridades para a tomada de providências (RBA, 2015).

Surgem questionamentos às IES por elas remeterem à concepção de local de promoção de oportunidades e progresso, visando a diminuir desigualdades e distanciamento social existente entre classes, aproximar possibilidades de ascensões, a partir de uma perspectiva da oferta de um ambiente seguro para os estudantes, professores e funcionários, tendo em vista que as violências também atingem os trabalhadores deste contexto (D'OLIVEIRA, 2019).

O movimento de proteção aos direitos e à saúde das pessoas, o que inclui a promoção de cultura da paz e prevenção da violência, é também responsabilidade das universidades, que precisam responder de forma efetiva às situações ocorridas em seu contexto. Nesse sentido, a maioria das instituições de ensino superior contam com políticas de não violência, atuando junto a comissões e frentes de apoio com métodos de processos disciplinares para lidarem com situações de violências, sendo analisadas e investigadas as irregularidades no ambiente acadêmico, adotando medidas necessárias como advertências, repreensões, suspensões quando cometidas por estudantes, e acrescidas de possíveis demissões, quando cometida por colaboradores (MAITO; VIEIRA; KONNO, 2017).

Existem também programas para intervir junto ao agressor, algumas IES contam também com ouvidorias e programas institucionais de acolhimento e suporte às vítimas, com acompanhamento psicológico, pedagógico e social, e orientações quanto ao âmbito jurídico (MAITO; VIEIRA; KONNO, 2017). Como se pode depreender, é pertinente e necessário o comprometimento das universidades com a garantia dos direitos humanos, no sentido de promover a cultura de paz e não violência, com estratégias de prevenção, de acolhimento, e cuidados e de imputações frente ao fenômeno e suas consequências (D'OLIVEIRA, 2019).

Quando inexistentes as possibilidades de auxílio às vítimas no combate às violências e responsabilização dos agressores, ou uma vez descredibilizados esses mecanismos por desfechos desfavoráveis, ocorrem as inviabilidades nos processos de denúncias e intervenções. Tal prática resulta na banalização do fenômeno, minimizando a gravidade dos fatos e causando invisibilidade desta problemática nas instituições de ensino, são por fim tratadas como questões de menor importância, quando, na verdade, acomete em inúmeras consequências negativas e prejudiciais tanto à instituição, quanto aos envolvidos (D'OLIVEIRA, 2019).

Em estudo brasileiro realizado com universitários de todo país, 67% dos participantes relataram algum tipo de violência contra a mulher ocorrida no espaço acadêmico, e um número considerável de cerca de 90% dos entrevistados apontam para a necessidade de um posicionamento, políticas e intervenções institucionais mais precisas no enfrentamento deste problema (SCAVONE, 2015). Assim, é importante desenvolver investigações sobre a violência nas universidades, assim como a avaliação da efetividade das intervenções realizadas, visando a identificar as mais bem-sucedidas e poder ser aplicáveis em diferentes contextos universitários, favorecendo a promoção da saúde, a proteção das pessoas, a prevenção e o combate da violência, e de todas as suas implicações.

2 OBJETIVO

Analisar os resultados de intervenções direcionadas à prevenção ou redução da ocorrência de violência no ambiente universitário.

3 MÉTODO

3.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, em que o objetivo se relaciona com o levantamento de dados e evidências acerca de um tema específico, o qual se norteia a partir de uma metodologia detalhada e compreensível, com parâmetros, criticidade e finalidades pré-estabelecidas, no sentido de viabilizar que a mesma pesquisa possa ser realizada por outros estudiosos que, ao seguirem os mesmos critérios, alcancem os mesmos resultados (JBI, 2014).

Conforme *Joanna Briggs Institute* (2014), a revisão sistemática se realiza a partir de protocolos, seguindo etapas previamente definidas como: elaboração de uma questão norteadora para a busca bibliográfica, variedade nas bases de dados a serem consultadas para a busca; definição de critérios para incluir e também para justificar a exclusão de artigos; seleção e avaliação quanto à relevância dos estudos; extração e análise dos dados, com síntese dos pontos mais importantes; explanação dos resultados alcançados a partir de uma apreciação, leitura e discussão na literatura, considerando a aplicação dos resultados.

3.2 Bases de dados e busca bibliográfica

A investigação foi realizada nas bases de dados internacionais: SCOPUS, *Web of Science*, Pubmed, LILACS. Também foi consultada a biblioteca eletrônica ScieELO para levantar estudos nacionais voltados ao tema pesquisado. Foi utilizado o mesmo cruzamento de palavras-chave em todas as bases de dados consultadas: “*violence*” AND “*college*” AND “*intervention*”, “*violence*” AND “*university*” AND “*intervention*”, “*violence*” AND “*campus*” AND “*intervention*”. Em todas as bases, a busca foi realizada em “título” dos artigos.

Quanto à pergunta que norteou a busca bibliográfica, a aplicada a este estudo foi: “Quais os resultados de intervenções direcionadas à prevenção ou redução da ocorrência de violência no ambiente universitário?”. Ela foi estruturada a partir da PICO (*Population or Problem/População ou Problema, Intervention/Intervenção, Control or Comparison/Controle ou comparação e Outcomes/Resultados*) (SANTOS; PIMENTA; NOBRE, 2007).

3.3 Critérios de inclusão e exclusão dos artigos

Foram definidos alguns critérios para a inclusão dos estudos, sendo incluídos somente artigos científicos, uma vez que eles possuem um processo de avaliação mais rigoroso antes de serem publicados. Foram selecionados artigos nacionais e internacionais publicados nos idiomas português, espanhol e inglês. Outro critério de inclusão estabelecido foi acerca do tipo de estudo, sendo selecionados apenas aqueles que apresentassem uma abordagem experimental ou quase-experimental, abarcando a temática da violência no contexto universitário. Neste sentido, foram excluídos todos os artigos que não estivessem voltados à essa temática em específico, assim como aqueles que se apresentassem em um idioma diferente dos que foram definidos nos critérios inclusivos e as produções que não se configurassem em formato de artigo como, por exemplo, os livros ou capítulos, trabalhos acadêmicos, seminários, anais e editoriais. Não foi estabelecida uma delimitação temporal para seleção dos estudos.

3.4 Procedimentos da revisão

O processo de busca e seleção foi realizado no mês de agosto de 2020 por dois revisores de forma independente, pelo primeiro e último autor deste estudo. As discordâncias encontradas a partir das buscas foram discutidas até a obtenção de consensos. Utilizando dos critérios de inclusão e exclusão, os estudos foram selecionados após o exame dos títulos e resumos e, em seguida, mediante a leitura dos textos na íntegra. Posterior à seleção, os dados dos artigos foram inseridos em uma tabela do programa *Excel*, sendo eles: título, autoria, ano

de publicação, revista, local onde foi realizada a pesquisa, objetivos, método, principais resultados e conclusão.

4 RESULTADOS

A princípio, foram indicados 60 artigos a partir da busca bibliográfica nas bases de dados. Dentre eles, 33 eram repetidos e foram excluídos. Posteriormente, 11 artigos foram excluídos na leitura dos títulos e resumos por não atenderem aos critérios estabelecidos anteriormente. Um total de 16 estudos foram lidos na íntegra. Nesta etapa, outros 07 foram excluídos, resultando num total de 09 artigos que compuseram a presente revisão. O processo de busca e seleção está exposto na Figura 1 e as características dos estudos selecionados estão apresentados na Tabela 1.

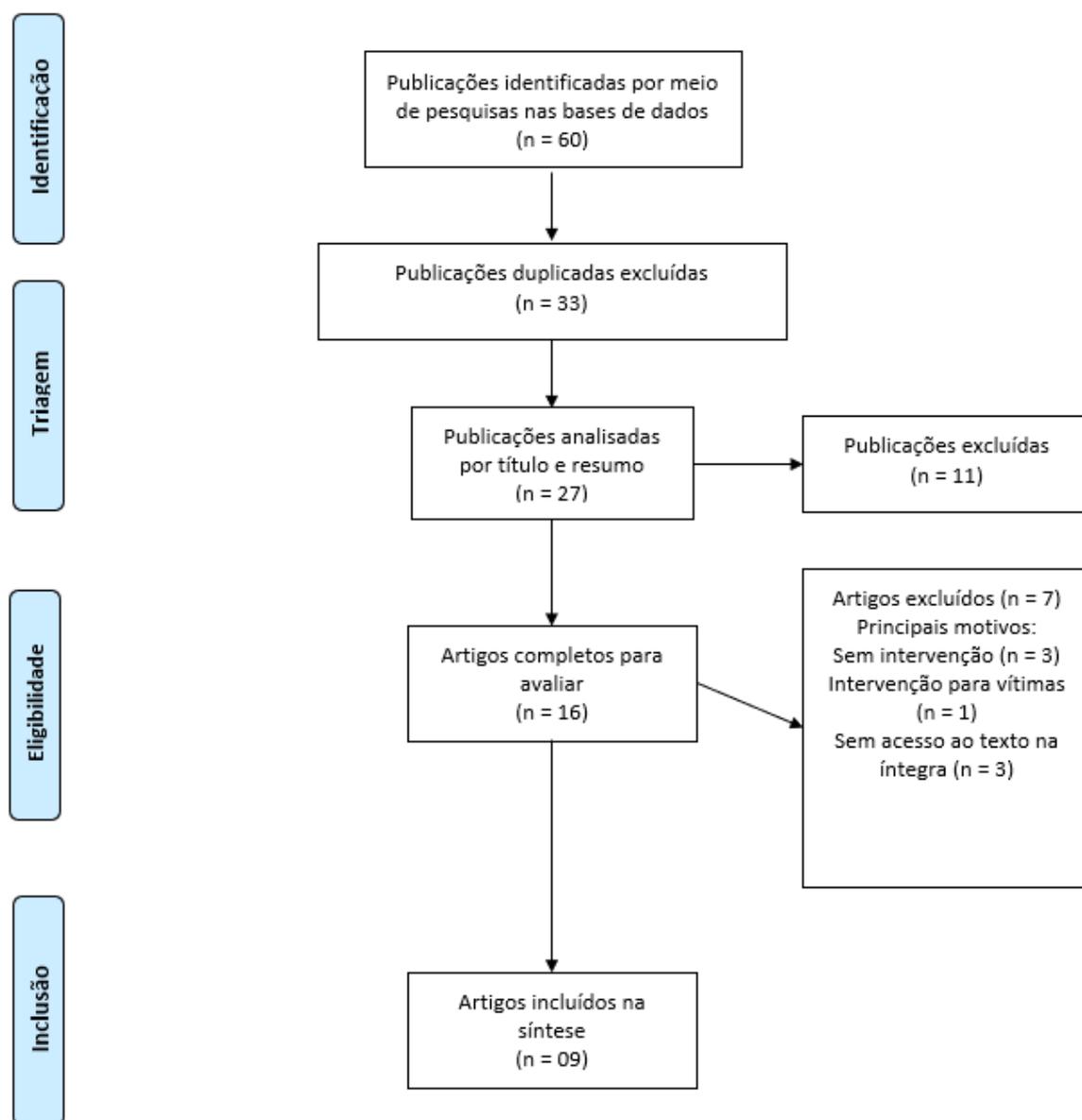


Figura 1: Fluxograma PRISMA do processo de busca e seleção dos artigos.

Dentre os nove artigos incluídos na síntese, percebe-se que todos esses estudos foram realizados nos Estados Unidos, conforme exposto abaixo, as características dos estudos selecionados apresentados na Tabela 1. A amostra variou entre 229 a 7111 participantes, com intervalo de idade 18 e 29 anos. A maioria dos estudos (n=7) foram realizados com participantes de ambos os sexos, porém dois estudos foram realizados somente com participantes do sexo masculino (SALAZAR et al., 2014; CLINTON-SHERROD et al., 2011). O método quase-experimental foi o mais utilizado nos estudos (n=5). Embora não tenha sido estabelecido um recorte temporal para busca dos artigos nas bases de dados, todos os estudos foram publicados nos últimos 10 anos (2011-2020), sendo 2020 (n=1), 2019 (n=1), 2018 (n=1), 2017 (n=1), 2016 (n=1), 2014 (n=2) e 2011 (n=2).

Os artigos selecionados tiveram publicação em diferentes periódicos: Journal of Interpersonal Violence (n=3), American Journal of Preventive Medicine (n=2), Violence Against Women (n=2), Journal of Medical Internet Research (n=1), Addictive Behaviors (n=1). Os periódicos distribuíram-se em áreas distintas de conhecimento: Interdisciplinar, Psicologia e Medicina.

Tabela 1 – Características das publicações utilizadas para a revisão sistemática.

Autoria (ano)	País	Amostra	Mulher (%)	Método
Miller et al. (2020)	Estados Unidos	2291	72,3	Experimental
O'Brien et al. (2019)	Estados Unidos	317	81,4	Experimental
Borsky et al. (2018)	Estados Unidos	329	80	Quase-experimental
Alegría-Flores et al. (2017)	Estados Unidos	930	77,1	Quase-experimental
Coker et al. (2016)	Estados Unidos	7111	63,3	Quase-experimental
Coker et al. (2014)	Estados Unidos e Reino Unido	7026	61,1	Quase-experimental
Salazar et al. (2014)	Estados Unidos	743	0	Experimental
Brahms et al. (2011)	Estados Unidos	351	100	Quase-experimental
Clinton-Sherrod et al. (2011)	Estados Unidos	229	0,00	Experimental

Quadro 01 – Resumo dos estudos selecionados

	Objetivo	Resultados
Miller et al. (2020)	Avaliar uma intervenção breve na prevenção da violência sexual entre universitários atendidos em centros de saúde das universidades.	Cerca de metade dos estudantes que compunham a amostra do estudo e que foram atendidos nos centros de saúde universitários relataram o envolvimento e exposição à violência sexual. Não foram identificadas diferenças quando comparados os resultados relativos aos grupos de intervenção e controle. Com a intervenção, houve um aumento na autoeficácia para utilizar estratégias de redução de danos, sendo que os participantes demonstraram maior abertura e possibilidade para conversar sobre o tema da violência, quando comparado ao grupo controle. Quanto aos demais resultados, não foram constatadas diferenças.
O'Brien et al. (2019)	Avaliar a eficácia do programa de educação e prevenção à violência "STOP Dating Violence".	Os participantes do "STOP Dating Violence" tiveram maiores informações e conhecimento sobre sinais de alerta de violência no namoro ($p < 0,01$); assim como as intervenções relativas às pessoas que presenciam o fenômeno ($p < 0,01$); apresentaram maior confiança em sua capacidade para ajudar as vítimas ($p < 0,01$), em comparação ao grupo controle.
Borsky et al. (2018)	Avaliar uma intervenção de prevenção de violência no namoro de baixo custo e intensidade.	Embora tenha sido identificada uma melhoria significativa nos comportamentos das pessoas que presenciam violências em encorajar um amigo em um relacionamento abusivo a buscar por ajuda ($p = 0,04$), não houve mudança significativa nas intenções desses participantes frente às normas sociais ou atitudes relativas a esse fenômeno presente no namoro, considerando o início e término das intervenções realizadas.

Alegria-Flores et al. (2017)	Avaliar os efeitos do “One Act” nas atitudes e comportamentos de estupro, disposição para ajudar de espectadores do fenômeno, bem como comparar os efeitos de duas intervenções.	Os resultados da intervenção do “One Act” melhorou os comportamentos e atitudes de violência e estupro no namoro ($p < 0,001$), bem como a confiança ($p < 0,001$) e a vontade de ajudar ($p < 0,001$) das pessoas que presenciaram tais situações. Comparando as intervenções, a confiança dos espectadores que participaram do “One Act” aumentou mais do que se comparado ao HAVEN ($p = 0,006$). Quanto à disposição de ajudar, ambos tiveram resultados semelhantes. 10.5281/zenodo.7884155
Coker et al. (2016)	Avaliar uma intervenção para espectador na redução da vitimização da violência interpessoal em universidades.	Os resultados das intervenções demonstraram uma redução nas taxas de vitimização por violência interpessoal de 17% no grupo de intervenção comparadas ao último ano anterior à intervenção em relação ao grupo de comparação. Resultados semelhantes foram identificados para a perpetração da violência. No grupo de intervenção, as taxas de vitimização sexual indesejada, perseguição, assédio sexual e perpetuação de violência psicológica no namoro foram significativamente mais baixas do que as apresentadas no campus do grupo controle ($p < 0,01$).
Coker et al. (2014)	Comparar a violência entre estudantes de uma universidade com intervenção para espectador, com duas universidades controle.	A intervenção do programa “Green Dot” resultou em uma diminuição das taxas de vitimização violenta em espectadores de 13% em relação ao grupo controle ($p = 0,01$), porém o resultado se manteve apenas para o sexo feminino ($p = 0,008$). Quanto ao sexo masculino, as taxas de perpetuação do fenômeno da violência foram também mais baixas entre os homens do campus da intervenção.
Salazar et al. (2014)	Avaliar o programa baseado na web RealConsent na prevenção da violência sexual.	Após seis meses de realização do RealConsent, os participantes se envolveram menos com a perpetuação da violência ($p = 0,04$) e interviram com maior frequência nesses casos ($p = 0,04$), quando comparados ao grupo controle. Os participantes da intervenção apresentaram maior conhecimento sobre consentimentos e agressão sexual de forma jurídica ($p < 0,001$), houve a diminuição dos mitos relacionados ao estupro e da hostilidade para com as mulheres ($p < 0,001$), elevou-se a intenção de intervir ($p = 0,04$), além de resultados positivos relativos ao sexo não consensual ($p = 0,03$) e menos conforto com os comportamentos inadequados dos homens ($p < 0,001$).

Brahms et al. (2011)	Investigar a violência sexual associada a diferentes variáveis; e avaliar uma intervenção sobre álcool em mulheres que sofreram violência sexual.	Antes do início do estudo, as participantes relataram uso escasso de estratégias contra o consumo de álcool, mais habilidades de enfrentamento e mais sintomas de saúde mental. Após a intervenção, o uso do álcool foi diminuído entre as participantes, contudo, não houve diferença quando associada ao histórico de violência sexual. Em comparação às mulheres que não apresentaram relatos de violência sexual, as participantes vítimas de violência sexual demonstraram melhores resultados em saúde mental ($p < 0,05$).
Clinton-Sherrod et al. (2011)	Avaliar intervenção breve sobre vitimização sexual e envolvimento com álcool.	A avaliação da relação e impacto da violência com o uso do álcool apontaram para uso reduzido em todas as situações e violência, sendo ainda obscura essa relação da diminuição da vitimização e redução do consumo de álcool.

Os dados expostos no Quadro 1 apontam a ocorrência de violência nas universidades e que os estudantes presenciam os atos praticados nesse contexto. Quanto às intervenções realizadas, a maioria dos estudos apresentou resultados positivos na diminuição das taxas de vitimização e perpetuação da violência, tendo como público-alvo as pessoas que presenciam, praticam e/ou sofrem o fenômeno (MILLER *et al.*, 2020; O'BRIEN *et al.*, 2019; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017; COKER *et al.*, 2016; COKER *et al.*, 2014; SALAZAR *et al.*, 2014).

As estratégias utilizadas foram redução de danos, enfrentamento e conversas sobre o tema, aumento de informações e conhecimentos sobre sinais de alerta de violência, bem como participação por meio da arte, poesia, drama, mídias sociais e diálogos, a fim de propiciar um espaço de expressões visando o enfrentamento da violência (O'BRIEN *et al.*, 2019; SALAZAR *et al.*, 2014). Em apenas dois estudos não foram constatadas diferenças significativas quanto aos resultados das intervenções (MILLER *et al.*, 2020; BORSKY *et al.*, 2018).

Grande parte dos estudos teve como público-alvo os espectadores, que presenciam atos de violência, focando a capacidade, intenção, disposição e confiança deles para ajudar as vítimas ou encorajar um amigo em um relacionamento abusivo a buscar por ajuda, além da capacidade de liderança e da procura por soluções para minimizar o fenômeno da violência (O'BRIEN *et al.*, 2019; BORSKY *et al.*, 2018; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017; SALAZAR *et al.*, 2014).

O envolvimento e a exposição à violência no namoro, violência sexual, mitos relacionados ao estupro e da hostilidade para com as mulheres, o aumento da empatia e maiores intenções de intervir, além de resultados positivos relativos ao sexo não consensual e menos conforto com os comportamentos inadequados dos homens constituíram fatores importantes relacionados às intervenções dos estudos (MILLER *et al.*, 2020; O'BRIEN *et al.*, 2019; BORSKY *et al.*, 2018; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017; COKER *et al.*, 2016; SALAZAR *et al.*, 2014; BRAHMS *et al.*, 2011).

O impacto do consumo de álcool também aparece relacionado à presença do fenômeno da violência (BRAHMS *et al.*, 2011; CLINTON-SHERROD *et al.*, 2011). As estudantes do sexo feminino relatam mais casos de vitimização do que no sexo masculino (COKER *et al.*, 2014; BRAHMS *et al.*, 2011).

5 DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar os resultados de intervenções direcionadas à prevenção ou redução da ocorrência de violência na universidade. Os resultados indicaram que a violência está presente nas interações dos estudantes universitários, sendo também presenciada por aqueles que não estão diretamente envolvidos nas agressões. Isso significa que o contexto educacional não está alheio às situações de violência, pelo contrário, as pessoas ali inseridas também estão sujeitas a experiências de violação de direitos individuais e coletivos, reproduzindo tais atos em diversas formas e gravidades. Neste sentido, entende-se a necessidade de as instituições de ensino se responsabilizarem e promoverem ações no que se refere ao combate e prevenção desse fenômeno (ABRAMOVAY, 2015).

Ao se levantar propostas de intervenção e enfrentamento por parte das universidades, percebe-se resultados positivos nos estudos frente à tentativa de reduzir e/ou interromper a propagação da violência (MILLER *et al.*, 2020; O'BRIEN *et al.*, 2019; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017; COKER *et al.*, 2016; COKER *et al.*, 2014; SALAZAR *et al.*, 2014). Reforçando a relevância das intervenções no contexto universitário, um estudo mais antigo, de autoria de Karjane, Fisher e Culler (2002), já discorria acerca da identificação e da

veiculação de orientações visando à criação de leis e de estratégias como a elaboração de instrutivas acerca da violência, assim como o desenvolvimento de políticas de enfrentamento com a fomentação de práticas e de ações educativas, como importantes posicionamentos por parte das IES; e também a construção de setores específicos ao acolhimento, ao atendimento, à investigação e à notificação dos casos, o que inclui espaços de convivência, fala e expressão e a disponibilização de materiais informativos.

Corroborando com os autores citados, as propostas interventivas dos estudos da busca propiciaram também um lugar de expressão por meio da arte e da cultura, onde estes identificaram meios para enfrentamento, habilidades de superação, resolução ou minimização das consequências da experiência (O'BRIEN *et al.*, 2019; SALAZAR *et al.*, 2014). Dentre as ações abordadas nos estudos, percebe-se que as intervenções relacionadas a habilidades e estratégias de enfrentamento são mais articuladas no contexto universitário, sendo possível identificar uma melhora considerável no que se refere à conduta e comportamentos dos participantes, em especial dos espectadores, no sentido de elevar a capacidade de assistência às vítimas e o encorajamento frente à situação de violência (O'BRIEN *et al.*, 2019; BORSKY *et al.*, 2018; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017).

Outra intervenção muito desenvolvida relaciona-se à concessão de maiores informações e conhecimento sobre o que é a violência e suas tipologias, assim como sobre os sinais de alerta e diálogos sobre consentimentos no contexto de relações, e o que se configura como abusos, quer sejam físicos, psicológicos, sexuais, negligência, abandono e violação de direitos. O que se compreende como positivo, uma vez que a partir de tais intervenções, os participantes se mostraram mais capazes de reconhecer e interceder quando envolvidos em tais conjunturas (O'BRIEN *et al.*, 2019; SALAZAR *et al.*, 2014).

Tais intervenções podem ser muito eficazes, considerando que a dificuldade da comunidade acadêmica em reconhecer a violência a partir de suas diversas tipologias é ponto de argumentação de pesquisas, as quais debatem sobre a possibilidade de a falta de denúncias acerca das situações de violência se dar também pela falta de conhecimento sobre os tipos de violência (VALLS *et al.*, 2007).

São diversos os atores envolvidos no cenário da violência na comunidade acadêmica, quer sejam alunos, professores, direção e funcionários e/ou todos aqueles ali inseridos, estão sujeitos a produzir, sofrer ou presenciar situações de violência e, neste sentido, tem-se a presença de três agentes principais: espectador, vítima e agressor (COSTA *et al.*, 2013). Contudo, os espectadores têm sido o foco do desenvolvimento de pesquisas e intervenções relacionadas à violência, sendo possível perceber uma maior produção de estudos com pessoas que testemunham os atos do que com os vitimizados, os quais se configuram como aqueles que são mais afetados diretamente pela violência (O'BRIEN *et al.*, 2019; BORSKY *et al.*, 2018; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017; SALAZAR *et al.*, 2014).

O direcionamento das intervenções para os espectadores se justifica, entre outros aspectos, à ausência da disposição, atitude de ajuda ou intercessão contra o ato, uma vez que, em grande parte dos estudos levantados, os espectadores nada faziam. Valls (2008) chega a dados importantes em sua pesquisa sobre o comportamento dos espectadores e até mesmo das vítimas diante de atos violentos, considerando que uma maioria dos envolvidos decidem por se abrir para alguém próximo, ao invés de formalizar uma denúncia, e ainda existem aqueles que optam por silenciar. Neste sentido, Das (2011) aponta para a invisibilidade do fenômeno e silêncio dos que testemunham, ou ainda para a ausência de escuta e recusa de acolhimento frente ao sofrimento de vítimas, uma vez que aquele que presencia o ato, ocupa um lugar entre a subjetividade do ser e a própria constituição de violência, considerando-se alheio e não responsável perante àquela situação.

Essa experiência se caracteriza como uma problemática social, considerando-se que os impactos não são apenas individuais, mas também coletivos (SARTI, 2014). O que remete para a necessidade de estratégias de intervenções como as realizadas nos estudos que tiveram os espectadores como seu público principal, evidenciando e potencializando as capacidades destes espectadores de se dispor, intervir ou buscar por ajuda, além do acesso a informações e ao conhecimento sobre os sinais de alerta como um meio de enfrentamento, reduzindo minimamente a perpetuação e ocorrência da violência, bem como suas possíveis consequências (O'BRIEN *et al.*, 2019; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017; SALAZAR *et al.*, 2014).

Embora os estudos levantados tenham participantes de ambos os sexos, e dois deles tenham sido realizados somente com o sexo masculino, percebe-se uma participação predominante de mulheres em grande parte das intervenções realizadas. A presença feminina é recorrente como principal atuante no cenário da violência nas Instituições de Ensino Superior (IES), como denota a pesquisa realizada pelo Instituto Avon e Data Popular (2015), com esse mesmo público, em instituições públicas e privadas, envolvendo cursos de graduação e pós-graduação, que evidenciou um maior índice de mulheres vítimas de violência quando comparadas as entrevistas realizadas com ambos os sexos.

A violência contra mulheres, situação de estupro e violência nos relacionamentos, apresenta-se como parte dos resultados em taxas consideráveis de vitimização sexual indesejada, perseguição, assédio sexual e perpetuação de violência psicológica no namoro. É válido considerar a baixa produção de pesquisas relacionadas à temática no Brasil, o que remete à imperceptibilidade social das mulheres que sofrem violência. Uma das razões que contribuem para essa falta de visibilidade para o tema pode dar pelo fato de a expressão “violência” estar socialmente vinculada à ideia de marginalidade, distanciando o reconhecimento do ato quando praticado por parceiros no contexto das relações afetivas e íntimas (REICHENHEIM *et al.*, 2011).

Os resultados alcançados pela busca no que se refere à violência contra mulher, especificamente no namoro, dialoga com estudo brasileiro realizado com estudantes universitários do sexo masculino acerca de suas percepções sobre os diversos tipos de violência praticadas no namoro. Neste estudo, cujo objetivo era pesquisar acerca da violência no namoro praticada por universitários a partir de parâmetros provenientes de uma cultura social predominantemente patriarcal, observou-se que a violência sexual, mesmo sendo reconhecida, ainda assim continuava a ser reproduzida pelos participantes, atestando uma banalização e naturalização do fenômeno (SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

O que demonstra a necessidade da realização de intervenções acerca dessa temática nas instituições de ensino e valida estreitamente os resultados alcançados por meio das intervenções dos estudos levantados, uma vez que estes sugeriram repercussões favoráveis entre participantes também do sexo masculino quanto à prática do sexo não consensual e às condutas inconvenientes e inapropriadas, assim como a promoção do comportamento empático e interventivo para com as mulheres vitimizadas (MILLER *et al.*, 2020; O'BRIEN *et al.*, 2019; BORSKY *et al.*, 2018; ALEGRÍA-FLORES *et al.*, 2017; COKER *et al.*, 2016; SALAZAR *et al.*, 2014; BRAHMS *et al.*, 2011).

Um outro fator impactante, relacionado à ocorrência do fenômeno da violência nas universidades, é o consumo de álcool como ressaltado em algumas pesquisas (BRAHMS *et al.*, 2011; CLINTON-SHERROD *et al.*, 2011). Alguns problemas pessoais são desencadeados no contexto universitário devido ao consumo de álcool, tornando-se então uma problemática também social, dentre os quais podemos evidenciar as oscilações emocionais, baixa tolerância, irritabilidade, fomentação de brigas, discussões e agressões (CASTAÑO-PEREZ; CALDERON-VALLEJO, 2014).

Embora em menor número, alguns estudos não alcançaram resultados significativos a partir das intervenções realizadas (MILLER *et al.*, 2020; BORSKY *et al.*, 2018). Pode-se considerar o insucesso a partir da dificuldade da comunidade acadêmica em reconhecer a violência a partir de suas diversas tipologias, o que é ponto de argumentação de pesquisas, as quais debatem sobre a possibilidade de a falta de denúncias acerca das situações de violência se dar também pela falta de conhecimento sobre os tipos de violência (VALLS *et al.*, 2007).

A existência de órgãos que fomentem e viabilizem não só as situações envolvendo a violência, mas principalmente as iniciativas e estratégias de enfrentamento é de fundamental importância para a repercussão e debate acerca da problemática, visto que este se torna um ponto em comum e delicado das universidades brasileiras, as quais ainda não desfrutam de habilidade e amplo conhecimento para o manejo e aplicação de políticas de enfrentamento, ações de investigação, apuração, acolhimento e atendimento e medidas punitivas, além de ações para promoção da saúde e educação, no sentido de prevenir a ocorrência do fenômeno (MAITO, 2019).

Para finalizar, destaca-se que todos os estudos revisados foram realizados nos Estados Unidos, que historicamente foi um dos primeiros países a dar maior ênfase aos estudos e investigações envolvendo o tema da violência na universidade, inclusive com a preocupação de instituir meios de se prevenir ou solucionar a problemática em suas universidades, o que é perceptível também na atualidade por meio da busca bibliográfica realizada, a qual identificou todos os estudos publicados nesse país. Contudo, o tema necessita de discussão, uma vez que a violência universitária não ocorre apenas nas instituições de ensino superior americanas, considerando que, apesar das mais diversas culturas mundiais, o fenômeno se instala de diferentes formas e perpassa etnias, faixas etárias, sexo, religião ou escolaridade (VALLS *et al.*, 2007).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo almejou levantar e examinar os resultados de intervenções voltadas para a prevenção ou redução da ocorrência do fenômeno da violência nas universidades. Verificou-se que o fenômeno está presente nas instituições em suas mais variadas formas e as intervenções se configuram como ações bem-sucedidas no sentido de promover o acesso a informações e conhecimento acerca do que é violência e as suas consequências, viabilizando a fomentação de estratégias para a redução do fenômeno, especialmente a partir dos espectadores, que por sua vez adquirem maior confiança para prestar ajuda e intervir nas situações presenciadas. Compreende-se que as intervenções podem ser válidas, considerando que os agentes presentes na universidade podem ter dificuldades quanto à identificação da violência em suas diversas tipologias, e por isso se omitem quanto aos registros das situações de violência vivenciadas.

É importante salientar que a busca por resolutivas e formas de enfrentamento por parte das instituições de ensino superior para o impasse é fundamental, uma vez que os índices apontam para a necessidade de intervenções para prevenção ou punição dos responsáveis. Entende-se que este estudo contribui para a comunidade científica no sentido de levantamento de dados pertinentes relacionados a intervenções, e estima-se o desenvolvimento de estudos e pesquisas que investiguem o fenômeno e apresentem ações aplicáveis como estratégias de prevenção no contexto da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *Programa de Prevenção a Violências nas Escolas: Violências nas Escolas*. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC, 2015.

ALEGRÍA-FLORES, K.; RAKER, K.; PLEASANTS, R. K.; WEAVER, M. A.; WEINBERGER, M. Preventing Interpersonal Violence on College Campuses: The Effect of One Act Training on Bystander Intervention. *Journal of Interpersonal Violence*, Thousand Oaks, v. 32, n. 7, p. 1103-1126, 2017. DOI: 10.1177/0886260515587666. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26002875/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

ALMEIDA FILHO, N. *A vida universitária como objeto de pesquisa e o Campus Universitário como etnopaisagem*. IN: SANTOS, G., SAMPAIO, S. M. R. (Org.). *Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e culturas universitárias*. Salvador: Edufba, 2012.

BORSKY, A. E.; MCDONNELL, K.; TURNER, M. M.; RIMAL, R. Raising a Red Flag on Dating Violence: Evaluation of a Low-Resource, College-Based Bystander Behavior Intervention Program. *Journal of Interpersonal Violence*, Thousand Oaks, v. 33, n. 22, p. 3480-3501, 2018. DOI: 10.1177/0886260516635322. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26965908/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BRAHMS, E.; AHL, M.; REED, E.; AMARO, H. Effects of an alcohol intervention on drinking among female college students with and without a recent history of sexual violence. *Addictive Behaviors*, New York, v. 36, n. 12, p. 1325-1328, 2011. DOI: 10.1016/j.addbeh.2011.07.018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21821362/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências: Portaria MS/GM nº 737 de 16/5/01*, publicada no DOU nº 96 seção 1e, de 18/5/01 / Ministério da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acidentes.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde Brasil 2011: Uma análise da situação de saúde e a vigilância da saúde da mulher*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2011.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde Brasil 2014: Uma Análise da situação de saúde e das causas externas*. Brasília: MS; 2015. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2014_analise_situacao.pdf. Acesso em: 26 mar 2021.

CASTAÑO-PEREZ, G. A.; CALDERON-VALLEJO, G. A. Problemas associados ao consumo de álcool em estudantes universitários. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 22, n. 5, p. 739-746, Set./Out. 2014. DOI: 10.1590/0104-1169.3579.2475. Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n5/pt_0104-1169-rlae-22-05-00739.pdf > Acesso em: 25 mar. 2021.

CLINTON-SHERROD, M.; MORGAN-LOPEZ, A. A.; BROWN, J. M.; MCMILLEN, B. A.; COWELL, A. Incapacitated sexual violence involving alcohol among college women: the impact of a brief drinking intervention. *Violence Against Women*, v. 17, n. 1, p. 135-54, 2011. DOI: 10.1177/1077801210394272. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21199812/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

COKER, A. L.; BUSH, H. M.; FISHER, B. S.; SWAN, S. C.; WILLIAMS, C. M.; CLEAR, E. R.; DEGUE, S. Multi-College Bystander Intervention Evaluation for Violence Prevention. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 50, n. 3, p. 295-302, 2016. DOI:

10.1016/j.amepre.2015.08.034. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26541099/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

COKER, A. L.; FISHER, B. S., BUSH, H. M.; SWAN, S. C.; WILLIAMS, C. M.; CLEAR, E. R.; DEGUE, S. Evaluation of the Green Dot Bystander Intervention to Reduce Interpersonal Violence Among College Students Across Three Campuses. *Violence Against Women*, v. 21, n. 12, p. 1507-27, 2014. DOI: 10.1177/1077801214545284. Disponível em:

<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25125493/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

COSTA, M. A.; RODRIGUES, N. R.; NETTO, L. et al. Formas de violência referidas no cotidiano escolar na percepção dos professores de uma escola pública. *Revista de Enfermagem da UFSM*, Santa Maria, [S.I], v.3, n.1, p. 44-52, Jan./Abril. 2013.

Doi:10.5902/217976927605. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/download/7605/pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. Trad. Plínio Dentzien. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, p. 9-41, jul./dez. 2011. DOI: 10.1590/S0104-83332011000200002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/34ddpTp8X6GyLJDFyCQ9YwS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2021.

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/34ddpTp8X6GyLJDFyCQ9YwS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2021.

D'OLIVEIRA, A. F. Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: reconhecer para mudar. *Interface (Botucatu)*, São Paulo, v. 23, e190650, 2019. DOI: 10.1590/Interface.190650. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100408&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 maio 2021.

INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. *Violência contra a mulher no âmbito universitário*. FSB Comunicação. 12 p. 2015. Disponível em:

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-contra-a-mulher-no-ambiente-universitario-data-popularinstituto-avon-2015/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

JOANNA BRIGGS INSTITUTE - JBI. *Joanna Briggs Institute Reviewers' Manual*: 2014 edition. Adelaide: The Joanna Briggs Institute, 2014.

KARJANE, H.; FISHER, B.; CULLEN, F. *Campus sexual assault: how America's institutions of higher education respond*. Newton, MA: Educ Development Center; 2002.

MAITO, D. C.; PANUNCIO-PINTO, M. P.; SEVERI, F. C.; VIEIRA, E. M. Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade. *Interface, Botucatu*, v. 23, e180653, 2019. DOI: 10.1590/Interface.180653. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832019000100406&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 fev. 2021.

MILLER, M.D.; JONES, K. A.; MCCAULEY, H. L.; CHUGANI, C. D.; COULTER, R. W. S; ABEBE, K. Z. Cluster Randomized Trial of a College Health Center Sexual Violence Intervention. *American Journal of Preventive Medicine*, v. 59, n. 1, p. 98-108, 2020. DOI: 10.1016/j.amepre.2020.02.007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32362510/>. Acesso em: 13 fev. 2021.

MINAYO, M. C. S. *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 132. (Coleção Temas em Saúde).

O'BRIEN, K. M.; SAUBER, E. W.; KEARNEY, M. S.; VENAGLIA, R. B.; LEMAY, E. P. Evaluating the Effectiveness of an Online Intervention to Educate College Students About Dating Violence and Bystander Responses. *Journal of Interpersonal Violence*, 2019. p. 1-31. DOI: 10.1177/0886260519829769. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30755066/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Brasília: OMS/OPAS, 2002. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em 24: mar. 2021.

OMS. Organização Mundial de Saúde. *Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência 2014*. Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 2015.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde. *La unidad de salud de la mujer de la OMS (WHD)*. Violencia contra la mujer: un tema de salud prioritario. Ginebra, 1998. (Sexta Sesión Plenaria, 25 de mayo de 1996. Junio 1998 - A 49-vr-6). Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

RBA. Rede Brasil Atual. *CPI das universidades em São Paulo expõe violência extrema e omissão*. Cidadania, 2015. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/01/cpi-das-universidades-em-sao-paulo-tenta-desvendar-o-ovo-da-serpente-8982/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

REICHENHEIM, M. E; SOUZA, E. R.; MORAES, C. L.; MELLO JORGE, M. H. P.; SILVA, C. M. F. P.; MINAYO, M. C. S. Violence and injuries in Brazil: the effect, progress made, and challenges ahead. *The Lancet*, v. 377, n. 9781, p. 1962-75, 2011. DOI: 10.1016/S0140-6736(11)60053-6. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21561649/>. Acesso em 15 mar. 2021.

SALAZAR, L. F.; VIVOLO-KANTOR, A.; HARDIN, J.; BERKOWITZ, A. A Web-Based Sexual Violence Bystander Intervention for Male College Students: Randomized Controlled

Trial. *Journal of Medical Internet Research*, v. 16, n. 9, e203, 2014. DOI:10.2196/jmir.3426. Disponível em: <https://www.jmir.org/2014/9/e203/>. Acesso em 24 mar. 2021.

SANTOS, C. M. C.; PIMENTA, C. A. M.; NOBRE, M. R. C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, São Paulo, v. 15, n. 3, maio-jun. 2007. DOI: 10.1590/S0104-11692007000300023. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n3/pt_v15n3a23.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.

SARTI, C. A construção de figuras da violência: a vítima, a testemunha. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 77-105, jul./dez. 2014. DOI: 10.1590/S0104-71832014000200004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/zZ9jKfcjVVPBCKqntMpBWpm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 27 mar. 2021.

SCAVONE, M. *Violência contra a mulher no ambiente universitário*. São Paulo: Instituto Avon/Data Popular; 2015. Disponível em: http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf. Acessado em: 09 mar. 2021.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface (Botucatu)*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 93-103, 2007. DOI: 10.1590/S1414-32832007000100009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/?la>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SOUTO, R. M. C. V.; BARUFALDI, L. A.; NICO, L. S.; FREITAS, M. G. Perfil epidemiológico do atendimento por violência nos serviços públicos de urgência e emergência em capitais brasileiras, Viva 2014. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2811-2823, 2017. DOI: 10.1590/1413-81232017229.13342017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9QVrPKh9dvZqQctvq5t9nwL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SOUZA, T. M. C.; PASCOALETO, T. E.; MENDONÇA, N. D. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. *Revista Psicologia e Saúde*, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 31-43, dez. 2018. DOI: 10.20435/pssa.v10i3.695. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-093X2018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2021.

VALLS, R.; OLIVER, E.; AROCA, M. S.; EUGÊNIO L. R.; MELGAR, P. ¿Violencia de género también en las universidades? Investigaciones al respecto. *Revista de Investigación Educativa*, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 219-231, 2007. DOI: <https://doi.org/10.6018/rie>. Disponível em: <https://revistas.um.es/rie/article/view/96771/92951>. Acesso em: 13 fev. 2021.

VALLS, R. *Violencia de Género en las Universidades Españolas*. Plan Nacional Madrid: Instituto de la Mujer. Ministerio de Igualdad. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235711525_Violencia_de_Genero_en_las_Universidades_Investigaciones_y_medidas_para_prevenirla. Acesso em: 13 fev. 2021.

VEJA Revista. *O que está por trás da violência dentro das universidades*. Trotes agressivos, racismo, homofobia, estupro e até morte ocorrem há anos dentro das universidades. Caderno educação, 2018. [on-line]. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/educacao/o-que-esta-por-tras-da-violencia-dentro-das-universidades>>. Acesso em: 11 mar. 2020.